

## Trânsitos, trajetos e circulação dos jovens na cidade

### Tráficos, trayectos y circulación de los jóvenes en la ciudad

### Transits, paths and circulation of young people in the city

Livia De Tommasi<sup>1</sup>

**Palavras chave:**

Jovens

Cidade

Culturas juvenis

**Resumo:**

O texto se propõe esboçar um olhar sobre a temática da juventude que supere as representações dicotômicas (jovens problema – jovens solução, jovens apáticos - jovens protagonistas, jovens estudantes - jovens trabalhadores) e a separação dos tempos do cotidiano em objetos de estudo estanques. No lugar das leituras que separam, encaixam, isolam, classificam, a análise propõe indagar vivências e experiências em movimento, acompanhando os trânsitos, os cruzamentos de fronteiras, a circulação entre os espaços e os tempos, tendo a cidade como lugar da experiência e da experimentação. No cenário da cidade, circuitos e curto-circuitos das vivências juvenis interrogam as categorias de análise colocando a necessidade de uma mudança do olhar que procure, ao mesmo tempo, captar e figurar as mudanças sociais, econômicas e culturais que ocorreram nos últimos decênios.

**Resumen:**

El texto se propone esbozar una mirada sobre la temática de la juventud que supere las representaciones dicotómicas (jóvenes problema – jóvenes solución, jóvenes apáticos – jóvenes protagonistas, jóvenes estudiantes – jóvenes trabajadores) y la separación de los tiempos del cotidiano en objetos de estudio estancados. En lugar de lecturas que separan, encajan, aíslan, clasifican, el análisis propone indagar vivencias y experiencias en movimiento, acompañando los tráficos, los cruces de fronteras, la circulación entre los espacios y los tiempos, teniendo la ciudad como lugar de la experiencia y de la experimentación. En el escenario de la ciudad, circuitos y cortocircuitos de las vivencias juveniles interrogan las categorías de análisis, exponiendo la necesidad de un cambio de mirada que busque, al mismo tiempo, captar y figurar los cambios sociales, económicos y culturales que ocurrieron en los últimos decenios.

**Palabras clave:**

Jóvenes  
Ciudad  
Culturas juveniles

**Keywords:**

Young people  
City  
Young cultures

**Abstract:**

The text proposes sketching a view on the theme of youth that overcomes the dichotomous representations (problematic youth – solution youth, apathetic youth – young protagonists, young students – young workers) and the division of the daily times in still study objects. Instead of the readings that separate, frame, isolate and classify, the analysis proposes to inquire experiences in movement, following the transits, the border crossings, the circulation between the spaces and times, considering the city as the place of experience and experimentation. In the urban scenery, circuits and short-circuits of the young experiences interrogate the categories of analysis, bringing up the need of a change of view that, simultaneously, seeks to capture and portray the social, economic and cultural changes that have occurred in the last decades.

## Trânsitos, trajetos e circulação dos jovens na cidade

Durante as manifestações contra o G-8 em Genova, em 2001, um jovem, Carlo Giuliani, foi morto pela polícia. A mídia tentou logo etiquetá-lo como: jovem drogado, morador de rua, anarquista, frequentador de grupos de igreja etc. Carlo era tudo isso e mais um pouco, frequentava os círculos anarquistas e a igreja onde ia jogar totó, os amigos 'punk a bestia' que moravam na rua, os bares do centro onde compartilhava suas poesias e tomava metadone para se desintoxicar da heroína. Finalmente, seus amigos permitiram colocar em cima do féretro, no dia do enterro, somente a bandeira da "Roma", seu time de futebol.

Circulação, attraversamenti, cruzamentos das fronteiras, encontros das esquinas ... desterritorialização, quebra das molduras ... superação do pensamento binário ... fluxo ... nomadismo.

É a partir de um fato, ou melhor, de um acontecimento, da tentativa de entender o significado de um gesto, que se desvelam outras possibilidades de nomear, de colocar em foco as vivências juvenis.

Falando de jovens parece ter se tornado "natural" ficar amarrados às representações binárias: jovens problema-jovens solução; jovens violentos-jovens rebeldes; jovens apáticos-jovens protagonistas. Ou, também, jovens estudantes-jovens trabalhadores; jovens de projeto-jovens em conflito com a lei. Fugir dessas representações é, portanto, tarefa obrigatória da reflexão crítica.

Os tempos do cotidiano juvenil são descritos geralmente como tempos sepa-

rados: há o tempo do trabalho, o tempo do lazer, o tempo do estudo, o tempo dos amigos, o tempo da militância, o tempo da família, o tempo do namoro. Essas fronteiras circunscrevem, também, os objetos de estudo. Assim, analisa-se a relação dos jovens com a escola, ou o envolvimento com a violência, ou as problemáticas dos jovens trabalhadores, ou as formas de expressão juvenis.

Os tradicionais estudos sobre a transição para a vida adulta focalizam também somente alguns eventos das biografias: a saída da escola, o ingresso no mercado de trabalho, a formação da família própria; mesmo assim, mostram como esses eventos deixaram de ser definitivos, contíguos e progressivos (Camarano, 2006).

No lugar dessas leituras que separam, encaixam, isolam, classificam, esse texto propõe esboçar uma análise para indagar vivências e experiências em movimento, acompanhando os trânsitos, os cruzamentos de fronteiras, a circulação entre os espaços e os tempos, tendo a cidade como cenário e lugar da experiência e da experimentação<sup>2</sup>.

O cenário da cidade emerge com força como lugar das vivências juvenis, colocando a necessidade de uma mudança do olhar: não mais o local como território estanque, e sim a circulação e o deslocamento entre diferentes espaços, entre centro e periferia, entre múltiplas experiências, vivências, sociabilidades (Magnani; Souza, 2007), prismas identitários; não mais a contraposição entre violência, criminalidade, ilegalidade por um lado, e "normalidade", legalidade e "boa conduta" pelo outro, e sim um território poroso onde as indeterminações (Oliveira, 2007), as ambivalências (Bauman, 1999), os trânsitos entre legal e ilegal, lícito e ilícito, constituem as experiências cotidianas da juventude moradora das periferias (Telles; Cabanes, 2006); não mais a separação

entre tempos (tempo do lazer, tempo do trabalho, tempo da formação, tempo da política) e espaços (centro e periferia, local e global, próximo e distante) e sim a circulação, o vai e vem, o atravessamento dos confins, o imbricamento das experiências (Tommasi, 2007a).

Introduzindo a dimensão da cidade na análise da condição juvenil é possível captar e figurar as mudanças sociais, econômicas e culturais ocorridas nos últimos decênios, consequências da regulação neoliberal, da globalização, da financeirização da economia, da revolução tecnológica. Ou seja, falar de juventude é também falar de seu entorno, dos territórios e dos tempos em que os jovens se movimentam. Do espaço urbano e de suas idiosincrasias.

Observando desse ângulo, do ângulo da cidade, é possível perceber de forma mais clara o entrelaçamento das diferentes dimensões da vida dos jovens, e também a necessidade de construir novas categorias analíticas, utilizar novas palavras, novas figuras do discurso, para nomear os acontecimentos do presente: fluxo, trajetória, trama, mobilidade, nomadismo, nos ajudam mais a entender o mundo de hoje do que as categorias fixas, as separações e divisões, as classificações e o fechamento em “caixinhas” identitárias.

## Circuitos

O espaço urbano é o espaço da pobreza, do desemprego, da precariedade, da violência. E é também o espaço das oportunidades, da circulação entre mundos diferentes, dos contrastes entre o hipermoderno e o atraso, a tecnologia de ponta e a “gambiarra”; espaço das ambivalências, das possibilidades e dos bloqueios.

Como observa Vera Telles, mesmo os bairros mais periféricos da cidade não podem ser compreendidos apenas a partir

da falta de oportunidades e da precariedade. São territórios em constante transformação. Famílias alteram suas casas a partir da autoconstrução; o poder público, ainda que de maneira intermitente e precária, altera os trajetos de ruas e de pontes, e novos centros de consumo, como os *shopping centers*, provocam mudanças significativas nas formas da sociabilidade, nos circuitos econômicos e culturais da periferia.

No Brasil, há uma tradição importante de estudos de sociologia urbana, que ajudaram a pensar o espaço da cidade e a vivência dos atores individuais e coletivos nesse espaço. A socióloga Vera Telles percorre, num texto, a história desses estudos, procurando construir novos horizontes e sentidos para compreender as transformações atuais:

Se antes a questão urbana era definida sob a perspectiva (e promessa) do progresso, da mudança social e do desenvolvimento (anos 69/70) e, depois, da construção democrática e da universalização dos direitos (anos 80), agora os horizontes estão mais encolhidos, o debate é, em grande parte, conjugado no presente imediato das urgências do momento, os problemas urbanos tendem a deslizar e a se confundir com a gestão urbana e a pesquisa social parece em grande parte pautada pelos imperativos de um pragmatismo gestor das políticas sociais voltadas às versões brasileiras dos *quartiers difficiles* (Telles ; Cabanes, 2006, p. 14).

Na atualidade, as divisões sociais e espaciais da “cidade fordista”, com suas polaridades bem demarcadas entre centro e periferia, trabalho e moradia, mercado formal e informal, ficaram embaralhadas.

O texto de Vera Telles não enfoca especificamente o universo juvenil, não é um estudo sobre a juventude nas periferias; mas, como ela escreve:

São, sobretudo os jovens personagens dessas histórias que podem nos informar alguma coisa sobre os vetores e as linhas de força que desestabilizam campos sociais prévios, que redefinem os pólos de gravitação da geração anterior (...), deslocam suas fronteiras e também traçam as linhas que desenhem as novas figuras da tragédia social (...). É seguindo as trilhas dos mais jovens que vão se delineando os perfis ambivalentes da modernidade globalizada, uma experiência social que vai se configurando nos limiares e nas passagens entre mundos distintos, entre o universo empobrecido da periferia e os shopping centers e os lugares prestigiosos de consumo e lazer (...), os baixos empregos do terciário moderno e os circuitos do trabalho precário que tangenciam os fluxos da riqueza plasmados nos espaços urbanos (...). É aqui que vai se armando uma teia de relações (e tensões) que escapa de definições modelares ditas de exclusão social ou segregação urbana (Idem, p. 20).

Esse embaralhamento repercute sobre as categorias usadas para fazer a leitura da realidade urbana. Território, por exemplo, e ainda mais “comunidade”, são conceitos que não servem mais para descrever o espaço urbano e suas dinâmicas; **circuitos, trajetos, redes, fronteiras, errâncias**, são termos mais adequados para descrever as conexões, as zonas de contiguidades, as experiências dos jovens no espaço da cidade. Como diz Alberto Melucci, as profundas mudanças ocorridas na sociedade globalizada requerem inventar novas formas para nomear o presente. Hoje, as “palavras chaves” são outras (Melucci, 2000).

Assim, o antropólogo José Guilherme Cantor Magnani deu novo significado às palavras ‘pedaço’ e ‘mancha’, utilizando-as para descrever o espaço criado pelas interações dos atores e, sucessivamente, agregou o uso dos termos ‘trajeto’ e ‘circuito’:

*Pedaço* designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações informais e individualizadas impostas pela sociedade. Manchas são áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam (...) uma atividade ou prática predominante (...) A qualquer momento, os membros de um pedaço podem eleger outro espaço como ponto de referência e lugar de encontro. A mancha, ao contrário, resultado da relação que diversos estabelecimentos e equipamentos guardam entre si, e que é motivo da afluência de seus freqüentadores, está mais ancorada na paisagem do que nos seus eventuais usuários (...) Enquanto o pedaço remete a um território que funciona como ponto de referência (...), trajeto aplica-se a fluxos recorrentes no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas. É a extensão e, principalmente, a diversidade do espaço urbano para além do bairro, que impõem a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas. Com relação a circuito, trata-se de uma categoria que descreve o exercício de uma prática ou a oferta de determinado serviço por meio de estabelecimentos, equipamentos e espaços que não mantêm entre si uma relação de contiguidade espacial, sendo reconhecido em seu conjunto pelos seus usuários habituais” (Magnani ; Souza, 2007, pp. 20-21).

Aplicando essas categorias analíticas, Magnani e sua equipe de pesquisadores investigaram os circuitos de lazer, encontro e sociabilidade dos jovens na cidade de São Paulo: das baladas *black* aos pontos de encontro dos pichadores, dos circuitos de forró universitário aos (des) encontros entre *streetiros* e *b.boys*.

Seguindo esses percursos é possível fazer a leitura das culturas juvenis que enriquecem a paisagem urbana. Magnani chega à conclusão de que o estudo desses espaços e circuitos re-significados pela presença dos grupos juvenis permite colocar sob outra ótica a tradicional distinção entre espaço público e espaço privado. A rua, espaço público por excelência, que para muitos se tornou lugar inóspito, do medo e da violência, é ainda espaço de convivência e circulação; mas há também outras formas de realização do espaço público, que vão além da ideia tradicional de rua.

Circuitos, trajetos, manchas e até pedaços (estes com seus laços mais particularistas, ao estilo da comunidade) constituem distintas modulações de uso e desfrute do espaço público: são diferentes versões da 'rua' enquanto suporte do atributo 'público'. Cada um desses arranjos corresponde a uma forma específica de se expor, estabelecer laços, marcar diferenças, fazer escolhas, colocar-se, enfim, na paisagem urbana diante dos outros e em relação a eles. A experiência dos vínculos que essas categorias descrevem não se restringe ao interior de grupos fechados e em espaços guetificados, protegidos, mas é, em vários graus (e com todas as ressalvas que determinados fatores de ordem estrutural impõem às condições de vida em cidades do porte de São Paulo), metropolitana, cosmopolita (Magnani ; Souza, 2007, pp. 252-253).

São os circuitos da agenda cultural da periferia, dos saraus de poesia, das rodas de samba, das exposições de vídeos em terrenos baldios ou nos muros do comércio, que explicitam a pluralidade de situações vividas pelos jovens, os modos de produção cultural e ocupação da cidade, o fluxo e intercâmbio entre o local e o global, o aqui e ali, o centro e a periferia. Serão essas as "linhas de fuga" (como diz o filó-

sofo Gilles Deleuze) do presente, onde a política é re-significada e reinventada?

Você indo daqui pro centro, pro Itaim, pro Ibirapuera, como eu trabalhava, você tinha uma visão das coisas que estavam acontecendo (...) Você via, por exemplo, casas grandes, mansões, um quarteirão são duas casas. Eu passava ali de manhã, eu ficava olhando assim (...): o número de casas pra vender ali aumentou absurdamente. É o tipo de coisa que eu passava e ficava pensando: 'poxa, o que será que tá motivando essas pessoas a ir embora? (...) é o custo da vida? Será a violência? Será alguma coisa do tipo perda de emprego? O que será que está motivando essas pessoas a saírem daqui, um lugar ótimo para se morar?' (Telles; Cabanes, 2006, p. 174)

Há jovens que tematizam suas questões reinventando o espaço público através da música, da dança, dos grafites e das pinturas, dos esportes radicais, nos fanzines, nas poesias, nos blogs, nos vídeos e na mídia alternativa, através das muitas e muito ricas manifestações culturais das quais são produtores. Espaços e formas que nos fazem lembrar uma colocação de Paul Gilroy, a propósito do espaço público criado pela diáspora africana no espaço cultural do Atlântico Negro: "a história da diáspora africana desenvolve-se fora da órbita da política formal, valendo-se, fundamentalmente, da performance, da dança e da música como forma de sua constituição" (Gilroy, 2001).

Há também outros tipos de circuitos e trajetos: aqueles percorridos por jovens trabalhadores na difícil busca por um 'emprego', uma oportunidade no mercado de trabalho. Os percursos dos jovens motoqueiros, dos *office-boys*, dos que trabalham nas lojas dos moderníssimos *shopping centers*. Nesses trajetos eles transitam, circulam e ocupam, de passa-

gem, mas não a passeio, os mundos dos “outros”, dos privilegiados e “incluídos”, os bairros nobres da cidade onde, às vezes, tecem laços de sociabilidade e, mais raramente, conseguem se inserir. No mínimo, como disse um dos jovens entrevistados por Vera Telles, eles podem ter a “visão das coisas que acontecem”.

O trabalho, nesse sentido, também abre possibilidades: “opera como um poderoso conector com outros territórios, ao mesmo tempo em que define outras referências de distâncias e proximidades, referências que também redefinem os sentidos e as direções de sentido da moradia e seu entorno” (Telles ; Cabanes, 2006, p. 166).

O trabalho e a renda que ele gera são condições para grande parte desses jovens ocuparem o tempo livre com um mínimo de qualidade, frequentar festas e shows. Até mesmo sair do próprio bairro e ter acesso ao que a cidade pode oferecer demanda um mínimo de condições financeiras. Assim como, paradoxalmente, a própria busca por trabalho exige dispor de recursos mínimos que nem sempre estão ao alcance dos jovens.

O desejo dos jovens de circular e se apropriar do espaço da cidade se manifestou de forma evidente nas reivindicações e mobilizações juvenis mais fortes dos últimos anos: a luta pelo passe livre. Essa bandeira, que reivindica o direito à cidade e de circulação por ela, mobilizou e, em alguns casos, “incendiou” cidades como Porto Alegre, Recife, São Paulo e Salvador.

O direito a circular livremente, a frequentar os equipamentos públicos existentes na cidade, que permitem o acesso à cultura, ao esporte, ao conhecimento (pensemos, na cidade de São Paulo, nos ricos equipamentos do SESC ou no Centro Cultural São Paulo) é um direito muitas vezes esquecido pelos programas (governamentais e não-governamentais) que se propõem a

“fixar”, ou melhor, a “segregar” os jovens na “comunidade local”, com o argumento (ou melhor, a desculpa) de torná-los “agentes de transformação da comunidade local”.

Não queremos com isso dizer que o local, o bairro, não continue sendo um lugar significativo para muitos jovens; queremos dizer que esse local é poroso, entrelaçado pelos *circuitos* do consumo e dos mercados globalizados, aberto às *manchas* que os grupos juvenis inventam e reinventam, aos *trajetos* que viabilizam a inserção (precaria e intermitente) na sociedade. Ou seja, o pedaço não limita as experiências juvenis e não é suficiente para entendê-las.

Percurso, deslocamento, mobilidade, são palavras chaves numa prática que está se espalhando pelas periferias do mundo, a prática do *Parkour*, ou seja, a “arte do deslocamento”. Nas impressionantes manobras, saltos, acrobacias que os praticantes do *Parkour* (os chamados *traceurs*) realizam, há um componente forte de uso e apropriação do espaço urbano: as práticas são realizadas ao ar livre, utilizando os emaranhados de muros, escadarias, prédios existentes na arquitetura da cidade. Escreve Alex, praticante brasileiro: “o *Parkour* no meu ponto de vista é saber interagir com um ambiente de forma a se adaptar a percorrer os caminhos não óbvios, preferencialmente de uma maneira rápida e com controle.” E Jean:

no *Parkour*, você interage de diversas formas com o ambiente. Um treino de *vault* no muro, uma precisão no corrimão da escada, ou um pulo da sacada em um treino são formas interessantes de agir com o ambiente de uma forma que ele não foi projetado para tal (...). Você tem um objetivo, um propósito que é chegar do ponto A ao ponto B da forma mais rápida possível, utilizando nada mais que seu corpo e as habilidades oferecidas por ele como instrumento. ([www.blog.parkour.com.br](http://www.blog.parkour.com.br)).

Uma forma de resistência é também contornar os cercos da segregação na “comunidade” e no local, circular pela cidade e mais além, circular entre diferentes espaços e múltiplas identidades, não “vestir a camiseta”, mas assumir, para cada espaço e circunstância, diferentes identidades. Assim, um jovem *rappeiro* é, ao mesmo tempo, militante do movimento negro, cantor de *gospel*, trabalhador de ONG, multiplicador de economia solidária e consumidor dos últimos objetos eletrônicos e dos vestuários à moda. Outro jovem trabalha como assessor de uma deputada para pagar os seus estudos de marketing e publicidade, mas ao mesmo tempo milita numa rede juvenil regional, investe na criação de uma produtora independente de vídeos, faz estágio numa TV e defende a causa ambientalista. E, assim, se constroem percursos de socialização plurais, que permitem fugir dos rótulos, das caixinhas identitárias, do controle dos programas, das estatísticas e das classificações, da vida reduzida aos mínimos vitais, para construir formas de vida e produzir sentidos.

São jovens que não são ‘problemas’ nem ‘solução’, que vivem seu cotidiano e procuram um espaço, um tempo, uma forma, uma linguagem para expressar seus desejos, suas dores e alegrias, suas demandas e sentimentos, suas diferenças e diversidades, buscando ser ouvidos, ou simplesmente, ser visíveis. Que vivem e convivem com crianças, adultos, idosos e constroem com eles os sentidos de suas narrativas e trajetórias de vida. Que procuram espaços e tempos de autonomia, afirmação, resistência, entre os programas de controle e de ‘gestão da pobreza’ e a violência cotidiana com a qual convivem. Espaços e tempos da pluralidade de sujeitos, experiências e trajetórias de vida. Pluralidade que é, para Hannah Arendt, condição indispensável do agir político.

A socióloga Helena Abramo foi uma das primeiras pesquisadoras a pro-

blematizar a adoção dos jovens de formas espetaculares de se colocar na cena pública (Abramo, 1994); eles, na análise da autora, explicitam em suas roupas formas de ocupar a cidade e de comunicar, gestos corporais e modos de questionamento do *establishment* dando, assim, visibilidade às suas pautas, questões e bandeiras. A partir de então, uma série de pesquisadores tem se dedicado ao estudo de grupos cuja marca identitária ou a adoção de determinados estilos também traz à tona conteúdos políticos e ideológicos partilhados pelos jovens. É o caso de muitos trabalhos centrados na observação e análise do comportamento de moças e rapazes vinculados às culturas hip hop, punk e rastafári, entre outros (Herschmann, 1997; Dayrell, 2005).

A difusão das manifestações culturais de periferia<sup>3</sup> tem ajudado na aproximação entre jovens de diferentes classes sociais. “Consciência, engajamento, rima, ritmo, força da palavra escrita e falada, atitude, intervenção e a convicção de que ‘posso fazer e constroer o sistema’ é o que marca a arte produzida nas periferias e por coletivos juvenis universitários de classe média que se articulam sob o lema da desmercantilização da cultura” (Leite, 2008). Leite cita ainda as ideias do movimento punk e do hip hop, como referências fundamentais das culturais juvenis que estão renovando a cena cultural: “Tenha consciência, ocupe as ruas, faça você mesmo”. Assim,

é preciso observar as microagregações para se ter uma ideia da diversidade e complexidade das formas de expressão da cultura feita por jovens. Mas os grupos se conectam em circuitos, às vezes, formando um contorno geográfico restrito a uma localidade, às vezes, sem apego a fronteiras. Ao se conectarem, formam grandes movimentos, abalam as estruturas e põem de ponta-cabeça os parâmetros estabelecidos, os cânones. (Leite, 2008)

Não há dúvida que a difusão do acesso à internet, o uso do computador, têm revolucionado (e democratizado) de forma considerável a possibilidade de produção e difusão cultural dos jovens. A enorme difusão do uso de sites que permitem trocar e compartilhar arquivos de música e de vídeo e a criação de blogs onde são veiculadas produções literárias, poéticas e musicais são provas da grande criatividade cultural que caracteriza o universo juvenil. Com a difusão dos meios para compartilhar a produção audiovisual, surgiu também uma nova forma de produzir música, e também de romper as barreiras dos direitos autorais.

As práticas culturais, esportivas e os encontros são formas de viver, habitar, significar o espaço urbano:

Os jovens recebem espaços da cidade prontos e sobre eles elaboram territórios que passam a ser a extensão de seus próprios corpos: uma praça se transforma em campo de futebol ou roda de capoeira, sob um vão de viaduto se improvisa uma pista de skate ou um encontro musical; o corredor da escola - lugar originalmente de passagem - se faz ponto de encontro e sociabilidade, um muro sujo e abandonado se transforma em grafite e colore a cidade (Carrano ; Martins, 2007).

Podemos buscar os rastros do agir político dos jovens nas diferentes formas de expressão e comunicação, artísticas e culturais. Afirmo Alberto Melucci, comentando as formas de expressão das culturas juvenis:

Nessa palavra que não é palavra (...) tem a afirmação de uma palavra que não quer mais ficar separada das emoções, tem um dizer que quer se enraizar no ser mais do que no fazer. (...) A cultura juvenil lembra à sociedade o valor do presente como única medida da mudança, pede que o que importa se afir-

me aqui e agora, reivindica o direito à transitoriedade, à reversibilidade das escolhas, à pluralidade e ao policentrismo das biografias individuais e das orientações coletivas. (Melucci, 1991, p.86)

Cabe salientar que nessas manifestações culturais não existe uma separação entre jovens e não-jovens, ou seja, a relação geracional é uma característica importante. Jovens são a maioria dos participantes das rodas de samba, dos saraus de poesias, das produções e exposições visuais, mas não são a totalidade.

### Curto-circuitos

Em se tratando de jovens, assim como da questão urbana, tornou-se associação “natural” discutir sobre a problemática da violência. De fato, as estatísticas mostram o crescente envolvimento de jovens em atos de violência. Jovens são a maioria dos que morrem de “morte matada”. Jovens são a maioria dos presos nas prisões brasileiras.

Uma ideia generalizada é aquela segundo a qual, em alguns ambientes sociais, “já se nasce marginal”, como disse MV Bill durante uma entrevista no programa Roda Viva<sup>4</sup>. Nesses lugares, onde não há nenhuma oportunidade para os jovens, uma das opções para “sair da invisibilidade”, como diz ele, ou seja, ganhar dinheiro e levantar a auto-estima é se envolver no tráfico de drogas.

Alerta José Padilha, diretor do filme “Tropa de Elite”: “Existe uma tese que diz que violência é consequência da pobreza. Não é verdade. Existe um processo que transforma a miséria em violência, pelo Estado”<sup>5</sup>. E cita, como peças-chaves desse processo, a superlotação dos cárceres, a atuação da polícia militar e a tortura.

Há um grande consenso sobre o fato de que o tráfico seja a causa do crescimen-

to da violência no país, e uma ideia difundida entre quem trabalha nesses contextos é de que é preciso “disputar os meninos com o tráfico”. Frente a essa situação, as respostas do poder público têm sido combinar políticas de repressão (por meio da polícia e do exército) com políticas de controle que têm como objetivo declarado “ocupar o tempo ocioso” dos jovens, mantê-los ocupados por meio de atividades esportivas, culturais e de lazer para que evitem se envolver em atividades criminosas (nesse sentido, as atividades esportivas parecem ser até mais eficazes, já que, além de ocupar o tempo, cansam, como disse publicamente a então prefeita Marta Suplicy, no seminário internacional organizado no âmbito do “Projeto Juventude” pelo Instituto Cidadania).

Mas, no mesmo programa, à pergunta de um jornalista “você quer ser uma bandeira contra o tráfico”, MV Bill responde “não”. Para ele, todos merecem uma chance, mas para alguns só há uma chance na vida entrando no crime: “o mesmo produto que faz a tragédia de uma família faz a salvação de outra”. Assim, a forma de *rappers* como MV Bill e Mano Brown falar sobre os traficantes incomoda muito, pois eles não identificam nos traficantes o “mal” que envenena a sociedade brasileira. Os traficantes são, para esses jovens que vivem nas periferias, nas favelas e nas “ocupações”, seus colegas, vizinhos, companheiros de vida.

Voltamos às pesquisas desenvolvidas pelo grupo de pesquisadores coordenado pela professora Vera Telles. Em suas análises, o mundo da “criminalidade” é retratado de forma muito viva como completamente imbricado ao mundo da vida “normal”: há chefes do tráfico que são, no bairro onde moram, pais de família e moradores exemplares, que operam cotidianamente para melhorar as condições de vida da população local; e há também mães de família que, para chegar ao final do mês, complementam a renda obtida em ocupações honestas com a venda de produtos

ilícitos (não somente drogas, mas também CDs e DVDs piratas e outros produtos do vasto mercado “informal”) (Telles ; Cabanes, 2006). As pesquisas mostram que as ditas “gambiarras”, ou seja, as saídas ilegais para suprir a falta de luz ou de água nas moradias das favelas são a normalidade nessas regiões da cidade (fazem parte do conhecido “jeitinho brasileiro”); e também que a distribuição de cestas básicas por parte dos programas governamentais ou dos políticos locais está na mão, muitas vezes, dos que controlam o tráfico no bairro; que o mercado dos perueiros também alimenta o vasto mercado das ilegalidades, assim como a venda de produtos da moda falsificados (tênis da Nike etc.), que vestem a maioria dos moradores da periferia. Olhando para essas realidades, fica mais difícil separar o joio do trigo, os “bons” e os “maus”, os honestos e os criminosos.

O estudo de Vera Telles se propõe “identificar e compreender a porosidade entre o legal e o ilegal, as fronteiras borradas entre o trabalho, expediente de sobrevivência e práticas ilícitas” (Telles ; Veloso, 2007, p. 191). A conclusão é de que

não se trata propriamente de ilegalidades, mas de uma crescente e ampliada zona de indiferenciação entre o legal e o ilegal, entre o lícito e o ilícito, que passa por todo o entramado da vida social, pelas práticas e suas mediações, pelos circuitos da vida urbana e as conexões que se fazem nas dobraduras da vida social, projetando uma inquietante linha de sombra no conjunto da vida urbana e suas formas políticas. (idem, p. 186)

Nesse quadro, os autores propõem um deslocamento do ponto da crítica: se as microcenos dessas formas de “sobreviver na adversidade”, dessas fronteiras borradas, interessam,

é porque colocam em foco um mundo social que não cabe nas estereotipias

que vêm acionando os dispositivos de exceção: de um lado as figuras fantasmáticas do Crime Organizado, suposto poder paralelo, versão nativa do ‘império do mal’ contra o qual só resta a estratégia da guerra (e extermínio); de outro, na sua face ‘edificante’, a ficção de populações encapsuladas nas ditas ‘comunidades’, subjugadas ou aterrorizadas, no mínimo ameaçadas, mas destinadas à remissão pela intervenção salvadora de programas sociais. (idem, p. 187)

De fato, na vida concreta do dia a dia, as fronteiras entre o legal e o ilegal se dissolvem. Como diz Ceccon,

formalmente, as relações entre Estado e sociedade são reguladas pelo direito, isto é, as leis que emanam do Estado organizam as relações dos que vivem na sociedade. Na sociedade brasileira, não é bem assim. Aqui, a maioria das pessoas vive à margem do Estado. Metade de nossa população se encontra economicamente na informalidade e, socialmente, na ilegalidade. Mais ainda: uma parte significativa dos que vivem na sociedade formal e legal precisam, para conseguir manter-se nessa situação, recorrer aos expedientes criados e praticados pelos que vivem ilegal ou informalmente. No Rio e em São Paulo, por exemplo, 20% da população vive em favelas (onde o Estado praticamente não entra) e um número, que pode chegar a milhões, não possui o título da moradia em que habita. (Ceccon, 2008, 25)

À luz dessas análises, podemos entender melhor as colocações de personagens como Mano Brown ou MV Bill quando eles se recusam a condenar os traficantes. Ao invés, condenam de maneira incisiva (sobretudo no caso de Mano Brown e das músicas dos Racionais MCs) as formas de intervenção do poder público; denunciam a violência policial e “o extermínio dos jovens da periferia”.

No limiar entre os municípios de Olinda e Recife, no bairro de Peixinhos (na época, um dos mais violentos da cidade), em 1997, alguns grupos de jovens ocuparam um matadouro abandonado e começaram a realizar nesse espaço eventos culturais, shows de música, saraus de poesias, exibição de vídeos independentes. O local foi então rebatizado de “Nascedouro” e muitos grupos culturais e sociais de Peixinhos fizeram ali suas sedes. Até um grupo de “terceira idade” conviviam no mesmo espaço. Os jovens pegaram um carro de mão e recolheram livros na vizinhança para criar uma “biblioteca multicultural”, que foi colocada à disposição dos moradores e, principalmente, das crianças do bairro. Mas um dia chegaram os técnicos do governo do Estado e das duas prefeituras, e resolveram fazer naquele lugar um “complexo” cultural, tecnológico e social. Reestruturaram e restauraram parte dos locais. E desalojaram os grupos que tinham criado aquele centro cultural na periferia.

Mais do que “banalização da violência” nos relatos dos jovens há, como diz Vera Telles, “um realismo de quem se ocupa com as coisas da vida, ou está na roda da vida” (Telles ; Cabanes, 2006, p. 158). Nada de denúncia e condenação moral, tampouco resignação. Ou seja, algo bastante distinto dos discursos “socialmente aceitos”. É esse realismo, talvez, que incomoda tanto no discurso de Mano Brown. Bastante diferente do que fala outro *rapper*, MV Bill, que elaborou um discurso “sobre” a violência procurando dar explicações e oferecer soluções.

Apesar de declarar querer incentivar o “protagonismo juvenil”, programas governamentais visam controlar e disciplinar a população jovem: identificando, separando e “cooptando” as “lideranças”; tutelando e direcionando sua participação política; oferecendo cursos de qualificação profissional de curta duração e péssima qualidade, que

não permitem adquirir as competências necessárias à inserção no mercado de trabalho; obrigando-os a aumentar seus níveis de escolarização através do ingresso em faculdades particulares onde ao preço de muitos esforços poderão adquirir um diploma muito pouco reconhecido no mercado de trabalho; expulsando a maioria do acesso a uma escola de qualidade; criminalizando ou simplesmente, não oferecendo nenhum apoio aos grupos juvenis autônomos. A mídia é responsável pela difusão da representação dos jovens como “problema social”, consumistas, apáticos e imediatistas. Ao mesmo tempo, aumentam as barreiras que impedem a circulação na cidade: carência de transportes públicos, aumento do preço das passagens, falta de acesso a lugares públicos, discriminações motivadas pela forma de se apresentar, pela estética, pela cor ou, simplesmente, pelo local de moradia.

Alguns números da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”, desenvolvida em 2003 pela Criterium Assessoria a pedido do Instituto Cidadania, são significativos em relação as barreiras que impedem o acesso a bens culturais: 39% dos entrevistados nunca foram ao cinema; 36% nunca foram a um show de música brasileira; 59% nunca estiveram em um show de música rock, pop, funk etc.; 52% não conhecem uma biblioteca; 62% nunca assistiram a uma peça de teatro e, por incrível que pareça no “país do futebol”, 52% dos entrevistados nunca assistiram a um jogo de futebol em um estádio (Cfr. Abramo ; Branco, 2005, tab. 85). A discriminação de gênero é bastante significativa nesse âmbito: as mulheres têm menos acesso às atividades culturais e de lazer fora de casa em comparação com os homens.

As opções principais de ocupação do tempo livre são, portanto, ver televisão e ir ao *shopping*. Tudo indica que isso não se dá por escolha, mas por falta de outras opções, já que, como vimos, as opções de lazer são escassas, em especial nas peri-

ferias. Os *shopping centers* são vistos pelas famílias como espaços seguros, onde os jovens podem ficar razoavelmente a salvo da violência. Essa é a tônica que, em geral, os adultos imprimem ao que consideram o uso saudável do tempo livre pelos jovens: preponderantemente negativa e defensiva. Sob esse ponto de vista, ver televisão seria um dos modos mais “seguros” de os jovens usarem o tempo livre (mais do que navegar pela internet, com os riscos que a interatividade implica).

Os chamados “esportes radicais”<sup>6</sup> têm um significado que interessa bastante aos jovens: sua vivência em termos de experimentação, ensaio dos limites, risco. “O risco assume forma e relevância particulares para a fase juvenil, na medida em que representa a ‘primeira vez’ de um processo de construção, experimentação e afirmação da própria identidade. (...) Não se pode, portanto, reduzir a dimensão do risco a uma questão de tipo psicopatológico” (La Mendola, 2005, p. 79)

A possibilidade de provar a destreza física, experimentar os limites físicos e emocionais e colocar em jogo o corpo são fatores significativos na vida dos jovens, que enriquecem seus percursos de busca e experimentação. Mas o fato de praticar esportes que não são socialmente reconhecidos implica não ter ao alcance espaços adequados para serem praticados; e também, muitas vezes, na proibição da prática, como fez Jânio Quadros quando foi prefeito de São Paulo, em 1988, ou como aconteceu na cidade de Itu (Estado de São Paulo) dez anos mais tarde, onde foi proibida a prática do *skate*. Mais uma demonstração da dificuldade de reconhecer o direito dos jovens a ocupar o espaço público de forma autônoma.

O Programa Esporte no Mangue, implementado pela Prefeitura do Recife durante a primeira gestão do Prefeito João Paulo (2000-2004) foi pensado para atingir especificamente os jovens mais excluídos entre os praticantes de esportes, aqueles contra

os quais é mais forte o preconceito social, ou seja, os que praticam esportes radicais: *skates*, *bike-cross*, patins, capoeira. Relata o gestor do programa: “Uma das primeiras demandas que a gente recebeu aqui foi a dos *skatistas*, que são jovens da periferia da cidade que traziam para nós demandas tanto do tipo específico da prática do esporte como também relativas à violência que eles viviam, uma violência do Estado. Perseguição pela polícia, pela desobediência civil que ele comete, perseguição pela própria guarda municipal (...) e uma grande discriminação da população, porque os *skatistas* apresentam uma estética muito diferenciada. Há um preconceito muito grande de que todo *skatista* usa droga, é traficante” (apud Tommasi, 2007b, p. 207). Os jovens praticantes do *skate* relatam vários casos de discriminação, em particular dentro das escolas, onde estão proibidos de praticar o esporte para não “arranhar as paredes”.

Uma das ações do programa foi estimular os jovens a participarem das rodadas do “Orçamento Participativo” nos bairros, para colocar suas reivindicações nas listas de prioridades a serem votadas pela comunidade local. Assim fizeram os *skatistas*, se organizaram e participaram. O problema foi que, evidentemente, suas reivindicações quanto à construção de pistas de skates nos bairros nunca conseguiram ganhar na disputa pela definição das prioridades; claro, o calçamento de uma rua e a construção de uma rede de esgotos sempre são mais importantes do que uma pista de *skate*, e os jovens não conseguem afirmar seu ponto de vista diante dos adultos da comunidade. Assim, as tentativas de lutar para reivindicar seu direito a praticar o esporte de preferência nos espaços de participação instituídos foram bastante frustradas, o que concorreu para aprofundar o sentimento de estranhamento com relação ao poder público e à sociedade em geral.

Se esses são os problemas com os quais se deparam os praticantes dos

esportes radicais, não menores são os obstáculos que encontram, nas periferias de algumas metrópoles do país, os praticantes de esportes mais legitimados e reconhecidos socialmente, como o futebol, o esporte mais praticado no Brasil. O sociólogo Daniel Veloso Hirata relata as dificuldades enfrentadas pelos praticantes do futebol de várzea nas periferias paulistas<sup>7</sup>:

Os campos estão desaparecendo, porque os terrenos são ocupados por invasões de cidadãos em busca de um espaço para construir suas precárias moradias ou são objeto da especulação imobiliária praticada pelas grandes corporações. Além disso, os campeonatos são agenciados pelos traficantes locais, e tornam-se objeto de disputas entre grupos rivais, que muitas vezes acabam em mortes por arma de fogo. (Hirata, 2006)

Desemprego, especulação imobiliária e violência estão acabando com a prática do futebol nas periferias<sup>8</sup>.

Mas voltamos aos chamados “comportamentos de risco” geralmente associados à juventude. O consumo de drogas é com certeza o primeiro deles, sempre presente nas preocupações e nas condenações sobre o universo juvenil. Estados alterados de consciência provocam, incomodam, porque questionam um dos fundamentos do racionalismo ocidental: a separação mente-corpo, e a supremacia do primeiro sobre o segundo. Representam uma fuga das obrigações da vida cotidiana, irresponsabilidade, busca improdutiva de emoções fortes.

O consumo de drogas pode ser considerado, também, como uma forma de habitar a cidade, principalmente durante a noite. Um texto instigante do sociólogo italiano Salvatore La Mendola percorre a história do tema do risco, tema central da cultura da modernidade. A modernidade, lembra ele, começa convencionalmente

com a chegada de Colombo na América. “A modernidade nasce, assim, sob o signo do risco: por uma representação de como possa ser a terra e pela disposição em alocar recursos e pôr em jogo a própria existência para demonstrar essa idéia”. Risco, nesse sentido, significa “interpretação do enfrentamento do perigo na persecução dos objetivos (...) São os princípios do racionalismo individualista e utilitarista que devem guiar o agente que assume a responsabilidade pelo risco” (La Mendola, 2005).

Assumir riscos e perigos é, portanto, condição imanente da vida individual e coletiva. Assumir o risco de uma determinada conduta, nesse sentido, significa assumir responsabilidades, utilizar a própria capacidade de julgamento para calcular as consequências de uma determinada ação.

Enquanto o risco que se assume em determinadas situações, como nos esportes ou nos empreendimentos econômicos, é socialmente legitimado e valorizado, em outras situações, é conotado de forma negativa. Diz La Mendola “os meios de comunicação de massa estão cheios de notícias que se referem a riscos sobre os quais ninguém pretende identificar a dimensão da responsabilidade” (idem, p. 71). Ou seja, quando se retira a dimensão da responsabilidade, quando não estão disponíveis “redes de proteção” para acompanhar os comportamentos de risco, é possível que esses assumam caráter auto ou heterodestruutivo. No uso das drogas e, em particular, no abuso, estão também em jogo outros significados. A civilização ocidental se fundamenta no controle das emoções e da agressividade, na limitação dos espaços da dimensão corporal, a favor da primazia da razão. As emoções podem ser expressas somente em lugares e tempos circunscritos, geralmente em âmbito privado. O consumo de álcool é permitido, nesses contextos, enquanto facilita o contato com os outros, o abandono da rigidez requerida para o controle das emoções.

Nesse contexto, o consumo de drogas lícitas e ilícitas por parte dos jovens pode ser lido como a expressão de uma vontade de experimentar diferentes estados de consciência, de questionar os modelos vigentes de controle das emoções, de ampliar o espaço de vivência do corpo e da comunicação não-verbal. “Trata-se de uma experimentação das normas sociais, das regras de respeito e de boa conduta; uma consequência do fato de não serem ainda obrigados a pôr em ação a suspensão da dúvida que é a condição típica requerida do adulto na época moderna” (idem, p. 80).

#### **Bibliografia:**

ABRAMO, H. W. Cenas juvenis: punk e darks no espetáculo urbano, São Paulo : ed. Scritta, 1994.

ABRAMO, H.W. ; BRANCO, P.P.M. (orgs.) Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional, São Paulo: Instituto Cidadania/Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005.

BAUMAN, Z. Modernidade e Ambivalência, Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

CAMARANO, M. A. (org.). Transição para a vida adulta, ou vida adulta em transição? Brasília: IPEA, 2006.

CARRANO, P. Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Reluma Dumaré/FAPERJ, 2002.

CARRANO, P. ; MARTINS, C. H. Culturas e expressividades juvenis: uma janela para a escola. Boletim Salto para o futuro (24), MEC/TVE, 2007.

CECCON, C. Violência na sociedade brasileira. In: Conflito, modo de transformar. São Paulo: CECIP/ Imprensa Oficial, 2009.

DAYRELL, J. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

GILROY, P. O Atlântico Negro, São Paulo: Editora 34, 2001.

HIRATA, D. V. No meio do campo: o que está em jogo no futebol da várzea? In: TELLES, V. ; CABANES, R. Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006.

LA MENDOLA, S. O sentido do risco. Tempo social, 17 (2), 2005.

LEITE, E. Faça você mesmo! www.diplo.uol.com.br, 2008.

MAGNANI, J. G. C. ; SOUZA, B. M. (org.). Jovens na metrópole : etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MELUCCI, A. L'invenzione del presente : movimenti sociali nelle società complesse. 2° edizione. Bologna: Il Mulino, 1991.

\_\_\_\_\_. A. Parole Chiave : per un nuovo lessico delle scienze sociali, Roma : Carocci, 2000.

HERSCHMANN, M. O funk e o hip hop invadem a cena. Rio De Janeiro: Rocco, 1997.

OLIVEIRA, F. Política numa era de indeterminação : opacidade e reencantamento, in: OLIVEIRA, F. ; RIZEK, C. S. (org.). A era da indeterminação, São Paulo : Boitempo, 2007.

TELLES, V. ; CABANES R. Nas tramas da cidade: trajetórias urbanas e seus territórios. São Paulo: Humanitas, 2006.

TELLES, V. ; HIRATA, D. V. Cidade e práticas urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito. In: Estudos Avançados ,21 (61), 2007.

TOMMASI, L. Jovens brasileiros: espaços e tempos de participação política. In: Boletim Salto para o futuro (24), MEC/TVE, 2007a.

TOMMASI, L. A mobilização dos jovens na cidade: produção de cultura e direito ao lazer. In: SPOSITO, M. P. (org.). Espaços públicos e tempos juvenis. São Paulo: Global, 2007b.

---

<sup>1</sup> Professora do Departamento de Sociologia e do programa de pós-graduação em Cultura e Territorialidades da Universidade Federal Fluminense.

<sup>2</sup> Por uma análise da centralidade da experimentação nas vivências juvenis reenvio a La Mendola (1999).

<sup>3</sup> A ONG Ação Educativa publica todo mês em São Paulo um "Mapa Cultural da Periferia", divulgando os eventos que acontecem nas periferias paulistas em quatro seções: literatura, rodas de samba, hip-hop e vídeos.

<sup>4</sup> Entrevista exibida no dia 25/04/2005.

<sup>5</sup> Entrevista no Programa Roda Viva da TV Cultura, exibida no dia 08/10/2007.

<sup>6</sup> "Os esportes radicais fazem parte de um crescente e rentável mercado esportivo mundial, impulsionado pelas estratégias de marketing de empresas ávidas por comunicar/vender ao público jovem. (...) As redes de rádio e televisão criaram programas especificamente destinados a esportes como o *surfe*, o *skate*, *skysurf*, o *bungee jump*, o *rafting*, o *canyoning*, o *rapel* e outras modalidades tradicionais ou criadas no impulso mercantil da novidade." (Carrano, 2002, p. 119)

<sup>7</sup> A Copa Kaiser, disputada no circuito popular, envolve 170 times sendo, segundo os organizadores, o maior campeonato de futebol amador do mundo (Hirata, 2006, p. 253)

<sup>8</sup> Daniel Hirata relata também como "lealdade, humildade e procedimento" são as palavras-chave do código de conduta que todos reconhecem e respeitam nas periferias paulistas, às quais fazem referência às canções dos grupos de rap quando mencionam o que eles chamam de "atitude" (idem, p. 275-278).

Contato:  
- livia.detommasi@gmail.com